

A candidatura do general Leônidas



Não se deve comprar a insistência do senador João Menezes em lançar a candidatura do general Leônidas Pires Gonçalves a presidente da República a igual atitude tomada em 1966 pelos antigos deputados Anísio Rocha e Bivar Olinto de pregar a inevitabilidade da candidatura do general Costa e Silva, então ministro da Guerra. Naquele ano remoto os dois deputados encaixavam sua ação numa operação militar que reivindicava a entrega do governo para seu chefe ainda que contrariando o notório desejo do presidente Castelo Branco de encontrar alhures seu sucessor. Desta vez, o senador pelo Par, não é porta-voz de reivindicações militares nem faz coincidir um diagnóstico pessoal com a avaliação dominante nas Forças Armadas. Pelo menos é isso o que transparece da liberdade com que oficiais superiores falam da hipótese da candidatura do ministro do Exército.

Não se põe em dúvida a capacitação do general Leônidas para exercer a presidência da República, mas apenas se identifica a inviabilidade da pretensão de tê-lo como candidato. Costa e Silva disputava uma indicação que se tornava no mesmo ato uma imposição, ao passo que Leônidas teria de submeter-se a um teste eleitoral pelo qual não passaram incólumes o brigadeiro Eduardo Gomes e os generais Juarez Távora e Henrique Lott apesar de postularem o mandato em condições politicamente bem melhores. Diz aliás um dos atuais ministros do Estado que Leônidas daria um bom presidente mas seria certamente um mau candidato.

O único general que chegou à Presidência pelas urnas depois da República Velha foi Eurico Dutra, por quase oito anos ministro da Guerra da ditadura. Mal saídos do Estado Novo, os políticos do PSD controlavam a máquina administrativa em todos os estados e o alistamento *ex officio* favoreceu seu projeto de continuar no poder. Mesmo assim sua vitória somente se tornou possível depois que Getúlio Vargas, do seu exílio, deitou o peso do seu tremendo prestígio pessoal em favor do seu ex-ministro, a quem assegurou a vitória quando nada no Rio e em São Paulo. Por duas vezes Eduardo Gomes, com a bandeira das liberdades públicas nas mãos, foi derrotado pelo voto

popular. O general Juarez, o "tenete de cabelos brancos" amargou o mesmo fim das suas aspirações.

Politicamente mais viável, a candidatura do general Henrique Lott em 1960, apoiada pelo PSD, pelo PTB, pelo PRP e pelo PR e bafejada pela popularidade de Juscelino Kubitschek, afundou nas urnas no embate contra Jânio Quadros, apoiado pelas mesmas forças que haviam sustentado os dois oficiais superiores desbaratados eleitoralmente. João Goulart, companheiro de chapa de Lott, salvou-se mediante a manobra realizada em São Paulo de uma aliança com o janismo (chapa Jan-Jan) e auxiliado pela dupla candidatura na área de Jânio.

As condições políticas e eleitorais neste momento não oferecem ao general Leônidas melhores perspectivas de disputa, ainda que se agrave o dilema da direita ameaçada de ser emparedada pela esquerda que poderia tornar-se avalanche eleitoral na continuidade do surto inflacionário. Não se esqueça que o país vem de mais de vinte anos de domínio do poder pelos militares com sacrifício das liberdades públicas e do poder de reivindicação do povo, principalmente das classes pobres. A candidatura do general ministro do Exército, não sendo uma colocação normal das forças políticas, como não é, não teria qualquer sustentação a não ser na ameaça que passaria a existir de levar o pleito a uma decisão fora das urnas. O general Leônidas deve ter bastante senso de responsabilidade para não permitir que se vá por aí.

A Justiça na voz do PT

O prefeito Jânio Quadros justifica o aumento do preço das passagens de ônibus em São Paulo pelo quadro de tensão que teria sido criado na cidade, responsável inclusive pela baixa do presidente da CMTC ao hospital. Diz Jânio que espera que os dirigentes do PT aprendam nos devãos da Prefeitura, nos seus mínimos detalhes, o que foi um governo limpo e honesto. Não espera ele a justiça de Deus na voz da História. Quem vai lhe fazer justiça é mesmo o PT que, dentro de seis meses, estará dizendo o que foi o governo dele. Diz ainda que deixa nos cofres da Prefeitura saldo de 20.800 milhões de cruzados.

Willy Brandt e Brizola

Na Internacional Socialista recentemente reunida em Paris, Willy Brandt enumerou os êxitos mundiais do movimento. E apontando Brizola, presente, disse esperar que dentro em pouco possa incluí-lo entre os vitoriosos da social-democracia.

Carlos Castello Branco